

Extra!

LETRAS

PERIÓDICO CULTURAL • EXTRA • ANO II
BELO HORIZONTE, DEZEMBRO DE 2007
TIRAGEM: 1500 EXEMPLARES • DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

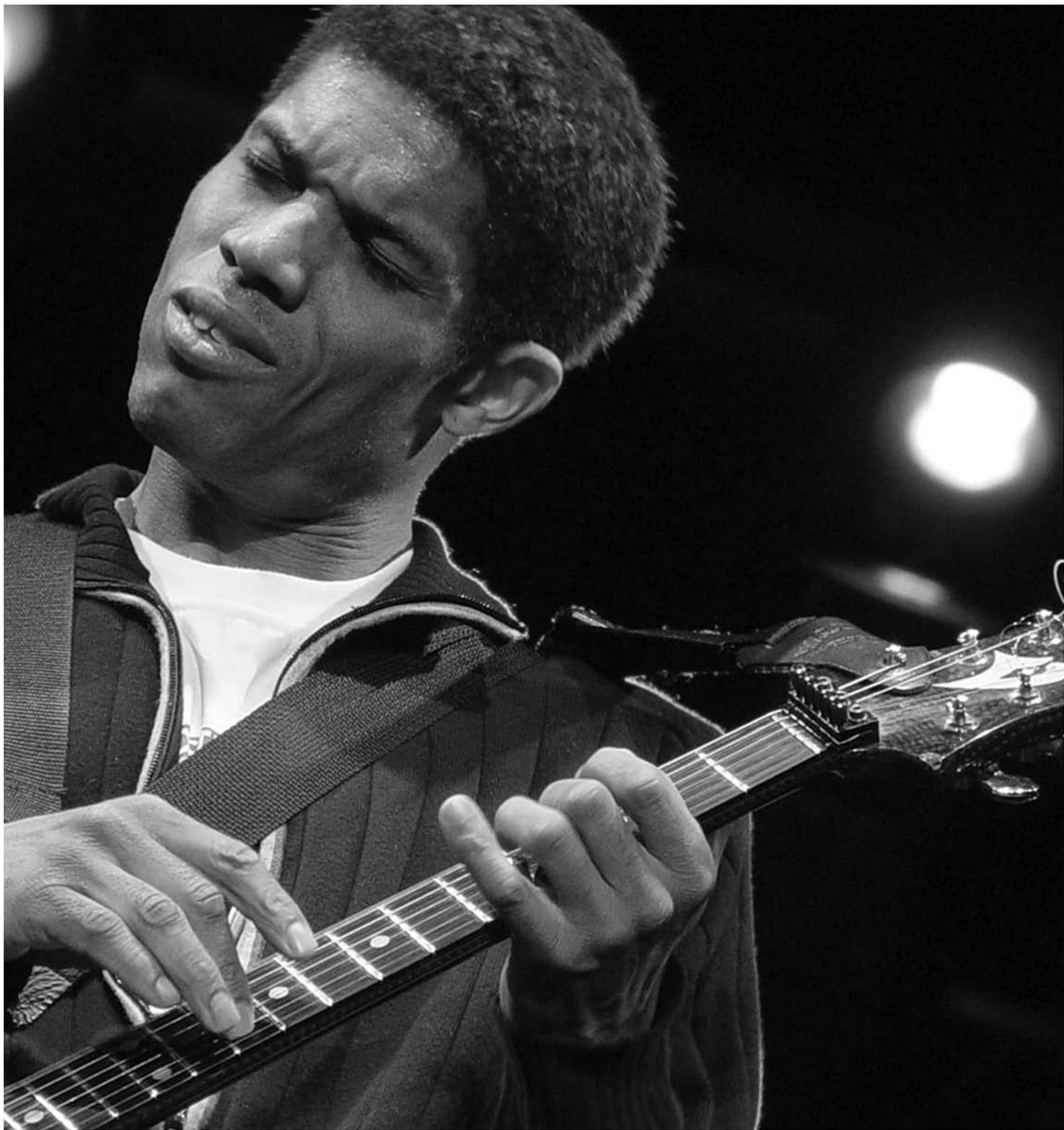


O rei do 'tapping'

Rodrigo James

Para o leigo, os termos "tapping" ou "hammering" não devem significar muita coisa. Até mesmo os fãs de grandes guitarristas da história da música que não se preocupam com técnica, mas com a arte em si, não devem saber o que significam tais termos. Quando o assunto sai das esferas dos leigos e chega até aqueles que possuem um conhecimento a mais, os termos não só começam a fazer sentido como um nome sempre ronda os pensamentos: Stanley Jordan.

Trocando em miúdos, os dois termos são alusivos à técnica apurada de Jordan para tocar guitarra com as duas mãos no braço do instrumento, produzindo um som único e incomparável. Para quem não sabe do que se trata, uma explicação mais detalhada se faz necessária. Na Wikipédia, a enciclopédia colaborativa da internet, o verbete tapping tem a seguinte explicação: "*é uma técnica utilizada principalmente em guitarra elétrica, mas também em outros instrumentos de corda (como baixo, ou violão). É uma variação do legato, ou técnica de notas ligadas. Consiste em utilizar uma ou as duas mãos para "martelar" (tap) notas na escala, ligando-as, adquirindo assim efeito de grande velocidade*". Continuou na mesma? Então preste atenção na música e na maneira de tocar de Stanley Jordan. Tal técnica não foi inventada por ele, mas sim popularizada. Enquanto os demais guitarristas surgidos na mesma época que ele (meados dos anos 1980) procuravam ser inventivos tocando mil notas ao mesmo tempo, como nos casos de Joe Satriani ou Yngwie Malmsteen, Jordan corria por fora se aprofundando na tal técnica e conseguindo tocar guitarra com as duas mãos no braço sem dedilhar ou palhetar as cordas. Se não conseguiu



Tantas palavras

Gabriela Mudado

Eu sempre tive uma atração por palavras pouco usadas. A última flor do lácio, embora algumas vezes acusada de inculta, nos oferece um leque gigantesco de possibilidades e sons incrivelmente interessantes. Por isso, sempre defendi a utilização de palavras mais variadas no dia a dia. Olhe um instante para o dicionário e tente imaginar o universo de possibilidades que contém nele. Mesmo assim, o hábito, a vida cotidiana e a taxa do dólar, nos faz ter pouco tempo para explorar novos mundos de palavras desconhecidas, fazendo-nos escravos do lugar-comum.

Durante a constante busca por expressões diferentes, me deparei com uma classe fascinante delas: as palavras que falam várias coisas de uma só vez. Meu irmão me disse uma vez que é uma ocorrência comum no japonês, mas, como falo apenas duas palavras

nessa língua - aprendi que é sempre bom saber pedir licença e agradecer em vários idiomas - não posso confirmar se é verdade. Em todo caso, palavras que descrevem ações com exatidão, costumam me causar mais fascínio do que as outras que precisam de acompanhamento para se fazerem entender.

Um grande exemplo disso é a boa e velha "defenestrar", que já foi honrada com grandes textos elogiando a sua natureza misteriosa e, ao mesmo tempo, precisa. Como não se apaixonar por uma palavra que, com apenas 11 letras, é capaz de descrever o ato de atirar algo ou alguém pela janela?

Outra delas é procrastinar - da qual sou mais fã do que deveria - que significa "arrastar com a barriga". Agora, eu pergunto, caro amigo que é atraído pelo mundo das letras (é o mínimo que posso supor, se você chegou até esse ponto

do texto), quem foi o espírito de porco que inventou esta expressão? Observe o quão mais distinta uma frase fica se usamos a palavra procrastinar ao invés do grosseiro "empurrar com a barriga", ou do clichê "deixar para amanhã o que se pode fazer hoje".

Usando apenas aquele simples verbo, a sentença ganha muito mais pompa, muito mais reverência, e faz até com que o ato da procrastinação pareça algo genuinamente importante. Imagine se falo com a minha chefe: "minha cara, creio que hoje procrastinarei o trabalho até onde puder". É capaz de ela me dar um aumento!

Em inglês, também já observei várias palavras com o mesmo poder. De todas, "elope" é a minha preferida. Não sei se pelo poder romântico que ela evoca, ou se pelo quê de aventureiro que a imagem de dois amantes fugindo com o propósito de se casar, mas acredito que ela é capaz de provocar

suspiros no mais cínico dos corações. Vislumbro que, num futuro próximo, quando inventarem um dicionário onde cada palavra tiver direito à sua própria trilha sonora, "elope" virá acompanhada de "The wonder of you", ou qualquer outra canção melodramática da fase Las Vegas do Elvis.

Aliás, nem é necessário ir tão longe para encontrar expressões que contenham significados abrangentes. O nosso bom e velho "oi", palavra simpática e gordinha que, embora muitas vezes seja subestimada e lançada cruelmente ao campo da informalidade, também possui o poder de dizer muito. Oi pode significar "como está, velho amigo, que saudade!", ou "perdão, não ouvi o que você disse" e até mesmo "olhe para mim, estou aqui deste lado do salão".

Mesmo assim, embora eu saiba compreender o valor do "oi", acredito que até mesmo ele pode ser substituído por

outras palavras mais interessantes. Naturalmente, não é do meu desejo vilipendiar o "oi", muito menos incentivar a prática da tautologia e menos ainda de incitar o aparecimento de Odoricos Paraguaçu. O que proponho ao leitor é simplesmente praticar a diversidade, buscar outras alternativas. Afinal, ampliar o vocabulário é a melhor maneira de encomiar a língua portuguesa e é só variando o uso de palavras como o "oi" que seremos capazes de reconhecer seu verdadeiro valor.

Por que, por exemplo, não trocamos o oi pelo tin-tin? Ao menos em ambientes boêmios, faria muito sentido. Porque o tin-tin é reservado apenas para o brinde? Imagine que agradável seria chegar no Café com Letras e ser saudado pelo garçom com um belo "Tin-tin"? É praticamente um convite para a felicidade, para a celebração.

Os franceses mesmo não dizem oi. Nunca. Por outro lado, usam bonjour para qualquer coisa, a qualquer hora do dia. Agora, querido leitor, vá tentar falar bom dia pelas ruas! Será obrigado a ouvir a cretina reprimenda: "bem, já é boa tarde, não?", acompanhada pelo detestável gesto de levar o indicador ao relógio de pulso.

Este tipo de gente, que insiste em se confrontar com o cidadão honrado que luta diariamente pelo direito das expressões abandonadas, é aquele mesmo que chega no almoço de domingo na casa do Tio Paulo e grita: "é pavê ou pa comê?", que adota todas as expressões usadas pelo núcleo pobre da novela das oito, enfim, é uma pessoa que passa a vida empurrando tudo com a barriga.

Por isto, venho aqui fazer um convite para todos que chegaram ao final desta longa apologia: defenestre! Procrastine! E faça valer aqueles vários reais gastos com o seu Houaiss.

E DE EXPEDIENTE

Editoria e Direção Geral:
Carla Marin

Editor de Música:
Rodrigo James

Editor Honorário:
Bruno Golgher

Redação (esta edição):
Gabriela Mudado
Guilherme Rancanti

Jornalista Responsável:
Vinícius Lacerda

Tiragem: 1500 exemplares
Impressão: Gráfica Fumarç



Anúncios: para anunciar no Letras, fale com Bruno:
bruno@cafecomletras.com.br



Letras é uma publicação periódica da ONG Instituto Cidades Criativas - Rua Antônio de Albuquerque, 749, sala 705, Savassi - Belo Horizonte/ MG - CEP 30112-010



MANDE UM E-MAIL PARA O LETRAS:
LETRAS@CAFECOMLETRAS.COM.BR

**Clube
de Jazz**

**O MELHOR DA
MÚSICA BRASILEIRA
NA INTERNET**

www.clubedejazz.com.br

M DE MÚSICA

ainda visualizar, recorra a uma música apenas: "Eruption", do Van Halen, em que Eddie Van Halen dá uma aula de tapping. Mas ele fez em uma música apenas. A obra de Stanley Jordan é inteira baseada neste estilo.

Apesar de ser considerado um gênio por muitos (o crítico de jazz do Los Angeles Times, Leonard Feather, disse uma vez que "gênio é muito freqüentemente uma palavra lançada ao redor em círculos musicais, mas foi aplicada legalmente a ele"), Jordan está longe de ser uma unanimidade. Alguns guitarristas e estudiosos do assunto não consideram que sua técnica apurada seja verdadeiramente revolucionária, nem tampouco que ela signifique tocar guitarra. Para muitos, a comunhão com o instrumento elétrico mais famoso do rock passa pelas duas mãos sim, mas cada uma no seu lugar devido. A direita dedilhando

as cordas e a esquerda fazendo as notas nos braços. Ou o contrário, se o músico for canhoto. Partindo deste pressuposto, eu pergunto: o que fazer então com Jimi Hendrix, que tocava com a língua, fazia o diabo com sua Fender e subvertia todos os conceitos pré-estabelecidos para o ato de "guitarra"? Ele não é o maior de todos os tempos?

Polêmicas à parte, Stanley Jordan continua na ativa, tocando como nunca e dará o ar de sua graça mais uma vez em Belo Horizonte no dia 21 de dezembro, em apresentação única no Freegells Music. Ao lado do baterista Ivan "Mamão" Conti, integrante do lendário grupo Azymuth e do baixista mineiro Dudu Lima, o "Magic Touch" (apelido dado a ele logo após o lançamento de seu primeiro disco, "Magic Touch") promete para este show suas já clássicas recriações de "The Lady In

My Life", de Michael Jackson e "Stairway to Heaven", do Led Zeppelin, que deixa até mesmo os mais incrédulos fãs de Page e Plant com o queixo caído, tamanho o ineditismo da versão.

Para situar um pouco mais quem ficou com vontade de conferir o show mas não conhece a carreira de Stanley Jordan, sua história começa nas ruas de Nova Iorque. Depois de concluir seu curso de teoria musical e composição na Universidade de Princeton, ele escolheu viver como um músico de rua, tocando em Nova Iorque, Filadélfia e em outras tantas cidades no Meio Oeste e no Sul. Nesta época, Stanley fez uma audição para Bruce Lundvall, que comandava a Elektra Music. Lundvall lhe ofereceu um contrato de gravação, mas Stanley sentiu que não estava pronto, e continuou com o foco em sua formação. Quando Bruce Lundvall se mudou

para a recém-reativada Blue Note Records, levou Jordan com ele e pouco tempo depois, "Magic Touch" era lançado. O sucesso de crítica e público rendeu a ele duas indicações para o Grammy e um Disco de Ouro. Um ano depois, Stanley fez um aparecimento rápido no filme "Encontro às Escuras", com Bruce Willis e Kim Basinger e daí se seguiu uma série de aparições em programas de TV, como o "The Tonight Show" com Johnny Carson, "Late Nite com David Letterman" e "Regis and Kathy Lee". Em 1990, lançou o álbum "Cornucopia", que lhe rendeu mais uma indicação ao Grammy. Na seqüência, gravou "Stolen Moments" ao vivo no Blue Note de Tóquio para então se transferir para a Arista. Seu primeiro trabalho pela nova gravadora foi "Bolero", de 1994, que incluiu uma versão do groove-orientada de "Bolero" de Ravel.

De "Bolero" até os dias de hoje foram poucos trabalhos em estúdio, mas muitos shows. Sua mistura sonora ainda inclui rock, pop, jazz, fusion e blues. Muitos insistem em classificá-lo como um artista de jazz, mas sua extensão técnica o coloca um patamar acima, sem querer menosprezar os demais músicos de jazz, claro. Jordan faz música sem fronteiras para um público interessado em música. Longe dos modismos e dos sucessos atuais radiofônicos, é um exemplo de músico em extinção nos dias de hoje. Numa era em que a imagem é o que conta, em detrimento da música propriamente dita, é sempre interessante assistir a uma apresentação de um músico na acepção da palavra. Longe dos holofotes e da grande mídia, Stanley Jordan é mais um destes batalhadores que não permitem que o prazer de se ouvir música de qualidade se torne algo obsoleto e arcaico.

Stanley Jordan

21.Dez.Sexta

Abertura:
Marcos Rabello & Banda

VENDA DE INGRESSOS

ingresso rápido

31 4062 7244
ingressorapido.com.br

Consulte taxa de conveniência para compras fora da bilheteria do evento

SHOPPING CIDADE

Com você é diferente
Piso GG

5ª Avenida (3º piso)

PARCERIA:



PATROCÍNIO:

O TEMPO
Jornalismo de Qualidade



BRS
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL



APOIO:



JOHNNIE WALKER.



CAFÉ com LETRAS

PROMOÇÃO:

ALVORADA

Tragicômico

Guilherme Rancanti

Fui a uma Colação de Grau, um estranho evento acadêmico-social cuja platéia (com exceção de algumas mães sinceramente emocionadas) é severamente punida por uma devastadora união de elementos insuportáveis: paraninfo; patrono; balões; formandos trajando becas ridículas; apitos; discursos; homenagem aos pais ausentes (peço especial atenção a este quesito) e gritos, muitos gritos.

O auditório que abrigava os formandos e seus convidados estava praticamente lotado. Por se tratar de um local enorme, câmeras filmavam tudo que acontecia no palco e reproduziam as imagens em telões estrategicamente posicionados. Este dado é importantíssimo para o que se seguirá.

MOMENTO-CHAVE:

Homenagem aos pais ausentes

Quase toda Colação de Grau conta com uma justa homenagem aos pais ausentes. A ausência dos pais neste tipo de evento geralmente justifica-se

pela ausência deles no planeta. O texto da homenagem é sempre preparado para reverenciar aqueles que, tendo deixado seus herdeiros na terra, encerraram sua aventura no plano material e não estão mais entre nós: morreram.

O momento costuma ser de reflexão, dor e saudade. Dentro de seus corações o sentimento poderia ser simbolizado pela triste imagem de um assento vazio. A homenagem é feita para servir de consolo, como uma lembrança indispensável.

Costumeiramente, neste momento o câmera faz um close no orador – geralmente emocionado – podendo eventualmente focalizar o rosto lacrimoso de alguns elementos da platéia, voltando sempre para o orador e nele estacionando a lente de sua câmera.

Mas aquele evento foi diferen-

te. O homem responsável pelas filmagens era um visionário. Insatisfeito em seguir o protocolo ele quis ousar, mostrando a todos do auditório que havia ali um artista, um cineasta e não apenas o mero operador de uma máquina.

Durante toda a homenagem aos pais ausentes a câmera permaneceu imóvel, fixa, dura e fria em seu tripé, focalizando – atenção – um assento vazio.

Sim, um assento vazio encontrado em um canto ermo daquele imenso teatro. Quem estivesse assistindo à solenidade, ouvindo palavras fúnebres – tendo como fundo musical um dos mais tristes noturnos de Chopin – e olhasse para algum telão, veria a simbolicamente mórbida imagem de uma cadeira ocupada pelo vento; um assento vazio – literalmente.

Poesia?

Seria o câmera uma espécie de gênio da contracultura? Em qual momento de sua até então medíocre existência ele teve o insight que o levou a construir tão complexa metáfora da morte em um evento social? Sua ousadia, que gerou revolta e constrangimento entre a maioria dos que estavam ali presentes, não merece ser reconhecida pela classe artística? Tornando o fato público por meio deste blog, acredito estar fazendo minha parte.

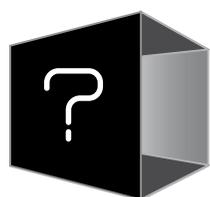
Seria ele um marxista que, em eterna militância, tentou fazer uma crítica aos costumes burgueses? Ou aquilo teria sido somente um protesto aos baixos salários pagos à sua classe? Sinceramente não sei.

Tragicômico.

Guilherme Rancanti escreve a Coluna do Bicudo no blog Caixa Preta.



Todos os meses, o blog Caixa Preta participa do Letras com essa coluna. Entre muitas coisas legais, você também pode conferir por lá alguns dos textos publicados no jornal.



caixa preta
www.caixapreta.blog.br

acesse

Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD

Tel.: (31) 3281 6720

Aliança Francesa

Tel.: (31) 3291 5187

Arquivo Público Mineiro (APM)

Tel.: (31) 3269 1167

Art Vídeo

Tel.: (31) 3221 4778

Biblioteca Públ. Est. Luiz de Bessa

Tel.: (31) 3269 1166

Café com Letras

Tel.: (31) 3225 9973

Café Tina

Tel.: (31) 3261 5968

Casa do Baile

Tel.: (31) 3277 7443

Cavallieri Oficina de Música

Tel.: (31) 3221 7836

Celma Albuquerque Gal. de Arte

Tel.: (31) 3227 6494

Central do Estudante

Tel.: (31) 3282 1868

Centro de Cultura Belo Horizonte

Tel.: (31) 3277 4607

Cultura Alemã

Tel.: (31) 3223 5127

DiscoMania

Tel.: (31) 3227 6696

EH! Vídeo

Tel.: (31) 3426 4817

Espaço Vivo

Tel.: (31) 3261 8171

Fundação Clóvis Salgado

Tel.: (31) 3237 7399

Fundação Municipal de Cultura

Tel.: (31) 3277 4620

Grampo

Tel.: (31) 2127 2974

Guitar Shop

Tel.: (31) 3261 4595

Hard Core Body Piercing e Tatuagem

Tel.: (31) 3282 4411/ 3264 5757

Museu de Arte da Pampulha

Tel.: (31) 3277 7946

Museu Histórico Abílio Barreto

Tel.: (31) 3277 8573

Museu Mineiro

Tel.: (31) 3269 1168

Natural

Tel.: (31) 3264 1392

Rádio Inconfidência

Tel.: (31) 3203 0300

Rede Minas

Tel.: (31) 3289 9000

Royal Savassi Apart Hotel

Tel.: (31) 3247 6999

Teatro Francisco Nunes

Tel.: (31) 3277 6325

Teatro Marília

Tel.: (31) 3277 6319

Universidade Fumec

Tel.: (31) 3228 3000

Usina

Tel.: (31) 3261 3368

Vitrola Café

Tel.: (31) 3227 2138